

## ***ENSAIO SOBRE...A “VIDA ERASMUS TOMARENSE”***

Tentar de contar por palavras o que foi uma experiência como o Erasmus é complicado para qualquer pessoa. Reduzir uma inteira época, feita de pessoas, terras e envolventes especiais, diferentes, impensáveis para um estrangeiro, não é uma coisa simples. Sabes que, mesmo que as outras pessoas sejam interessadas na tua experiência e sejam felizes por ti, as únicas que poderão compreender realmente o que estás a contar vão ser sempre as que viveram isso contigo, as que sentiram as mesmas sensações ao mesmo tempo do que tu. Eis então uma tentativa de representar o que vivi durante os dez meses passados em Portugal, em Tomar, no caro Ribatejo, que soará mais como uma publicidade ou um convite para as pessoas que ainda não a conhecem; não é que esta seja a minha intenção, mas são palavras que saem do coração.

Antes que eu começasse o meu período Erasmus, o meu responsável italiano em Bologna disse-me que o Erasmus é um projecto nascido para permitir às diferentes culturas de aproveitarem os aspectos positivos das mesmas. O processo que acontece dentro de um Erasmus é mesmo isto, uma contínua comparação entre o que a vida te está a oferecer neste momento e o que sempre ofereceu, no teu país, com a tua gente e os teus hábitos. Dai então, forma-se no próprio interior um relatório, derivante da comparação entre as duas realidades, a italiana e a portuguesa, para que no fim se possa colher as melhores características de uma e de outra, e que se revela um guia para quem lê esse relatório.

A primeira parte da minha narração tem que ser referida claramente à análise didáctica. O método de estudo aplicado no IPT permitiu-me aprender disciplinas que em Itália nem sequer conseguia perceber; a sua visão muito prática dos argumentos tratados na minha opinião é fundamental para a aprendizagem de disciplinas científicas como as do meu curso. Com o apoio das aulas práticas e, ainda mais dos laboratórios, o estudante consegue acompanhar as aulas teóricas com uma visão do real significado dos argumentos ilustrados a nível teórico. Os exames também respeitam esta “filosofia” prática, propondo exercícios direccionados para a aplicação directa dos métodos de análise e raciocínio apresentados durante as aulas. Uma conversa a parte tem que ser feita sobre os professores, os quais apoiam em continuação os estudantes quer durante as aulas, teóricas e ainda mais laboratoriais, quer fora delas, dando sempre a própria disponibilidade a tirar dúvidas ou explicar argumentos não muito claros. Esta foi para mim uma grande novidade, porque em Itália nunca recebi um apoio contínuo e constante dos professores mas sim encontrei sempre muita separação entre nós, estudantes, e eles, e consequentemente pouca colaboração. Portanto sempre foi impossível instaurar uma relação humana com os professores, ao contrário do que aconteceu no IPT, onde estes primeiro foram para mim um ponto de referência antes de serem as pessoas que iam avaliar a minha actividade. A única situação que tenho de

assinalar no sistema escolar do Politécnico foi ter que pagar para poder sustentar os exames de recurso; em Itália em qualquer época de exames os alunos podem assistir quantas vezes querem, em todas as chamadas, que geralmente são duas ou três por disciplina, sem ter que pagar nada.

Senti grande interesse pelo espírito académico do Politécnico, manifestado em particular nas duas principais festas, a Semana do Caloiro e a Semana Académica. Durante a recepção ao caloiro vi coisas impensáveis para um italiano, habituado à frieza e à distância nas relações universitárias com os colegas de curso, os professores, as instituições. Vi pessoas que nem se conheciam a rirem-se pelos engraçados ritos de acolhimento, que um estrangeiro julga cruéis por vezes, mas que para elas é só uma forma de receber os mal afortunados caloiros, e acolher estes novos alunos no mundo académico que será a sua segunda casa nos anos futuros. Conclui-se a loucura desses dias com o Baptismo, folia pura para o espectador estrangeiro, tal como a Baldada durante a Semana Académica, que entrega literalmente a cidade nas mãos dos estudantes por uma tarde inteira. Inesquecível foi também o Torneio de 24 Horas, no qual ganhei a taça de melhor marcador obtendo o terceiro lugar no torneio de futsal com a equipa do meu curso de Electrotécnica, após uma longa noite de insónias. Os outros eventos que reforçam a união entre estudantes são os jantares de curso, abertos a todos sem discriminação, durante os quais cria-se uma forte cumplicidade entre os participantes, que pode ser a base de uma longa amizade. Sem me esquecer do mítico traje, a veste típica, tão engraçado para quem o vê pela primeira vez que de súbito exclama: “Olha o Zorro!!”. Falando em traje não se pode esquecer a Tuna Templária, a banda do IPT, caracterizada pelas músicas tradicionais e pelas pessoas calorosas, e a Bênção das Pastas, o cume da carreira universitária. Símbolos de filiação que mais uma vez me fazem olhar para eles com a inveja de quem a conhece-las compreendeu que ia ser muito mais fácil estudar e gostar da universidade, se também na própria realidade fosse assim.



Fig.1- À descoberta do traje.

Para falar sobre a minha experiência a nível humano é melhor começar do princípio. A maneira em que eu fui recebido foi fantástica. Quando cheguei a Tomar nem uma palavra conhecia em Português, mas senti logo a vontade das pessoas de ajudar-me, de arranjar uma maneira para que eu percebesse as conversas, interagisse com elas, tivesse uma nova vida na pequena realidade delas. Mesmo quando eu ainda não tinha demonstrado nada e ninguém ainda tinha motivos para gostar de mim, todos davam o próprio apoio, e qualquer pessoa ao longo do meu caminho de dez meses contribuiu para formar a minha vida Tomarense. Pequenos gestos, pequenas maneiras de demonstrar às pessoas que gostas delas e do que elas fazem, como o ter sempre uma palavra de carinho ou ainda mais, o ter sempre um “obrigado” ou um “desculpa” em qualquer situação, coisas estas que muitas pessoas em Itália já esqueceram há muito tempo. São todas situações que te dão mais segurança nas relações com as outras pessoas e mais fidelidade em elas, porque sabes que mesmo que tenhas errado em qualquer coisa, está sempre alguém que se demonstra compreensivo e tenta ajudar-te para remediar. Levo comigo lembranças de muitas pessoas fantásticas, que estiveram ao meu lado na vida de todos os dias, durante as aulas, durante o estudo, durante as noites e durante as minhas viagens, que contarei a seguir. Acho que estes foram os motivos, em conjunto com a preexistente atracção pelo povo português, que me levou a diferenciar a minha vida Erasmus da comum dos Erasmus, essa vida em que sentes-te obrigado a estar sempre entre estrangeiros, ter conversas em tantos idiomas diferentes, suportados do comum inglês e esquecendo que também o país que esta a hospedar-te tem cultura e tradições próprias; desde o início tentei englobar-me na sociedade estudante tomarense, com uma participação sempre activa em qualquer situação ou evento, académico ou não. Isto contribuiu também a realizar uma das minhas principais intenções, que era aprender a língua portuguesa, a nível da fala e escrita.



Fig.2- Jantar Erasmus em Mação com o Presidente do IPT.

Uma conversa a parte tem que ser feita pelo país, as suas terras, a sua rica natureza e os seus mais vários ambientes. Antes que começassem as aulas em Setembro e após ter acabado os exames em Julho, tive a possibilidade de viajar um pouco,

conhecer mais sítios do país além de Tomar. O primeiro sítio visitado foi o Castelo de Almourol, alcançado com um meio de transporte particular, a bicicleta, através duma viagem que incluiu a barragem do Castelo de Bode, Constância, e Vila Nova da Barquinha. Sucessivamente apreciei imenso a cidade do Porto, muito característica na baixa da Ribeira, mais característica do que a capital Lisboa, igualmente fascinante; apaixonei-me pelo espírito académico de Coimbra, ao qual acho que Tomar refaz -se em pequena proporção; estive nas praias “oceânicas” de Nazaré, Viana do Castelo e Espinho, que surpreenderam-me pela força do mar e pela contínua presença do vento, mas descobri que também há praias mais mediterrâneas, para além do Algarve, como Carcavelos ou no Alentejo, onde adorei a Serra da Arrábida e Sesimbra; conheci a sede do distrito a que Tomar pertence, Santarém, e uma engraçada terrinha ao lado, Almeirim, onde eu ganhei uma aposta com uma portuguesa que me estava a gozar por ter dito que na Sopa de Pedra havia realmente a pedra, coisa esta que fez-me orgulhar enquanto sinónimo de bom conhecimento da cultura portuguesa. Estive pela primeira vez a ver um jogo da Liga dos Campeões, onde o Benfica enfrentou mesmo uma equipa italiana, o A.C. Milão. Outra novidade para mim foi dar mergulho no rio, como fiz no Nabão, no Zêzere e no Lima. Visitei finalmente a vizinha Serra de Aire e as famosas Grutas de Mira de Aire. Isto denota como o Portugal, embora tenha uma extensão inferior à Itália e aos outros principais países europeus, ofereça um pouco de tudo em relação às situações de vida e aos envolventes ambientais, das grandes cidades às cenas de vida rural, do mar até as montanhas e os rios, das peixeiras até os pastores. Estas viagens foram inesquecíveis não somente pelas paisagens visitadas, mas também porque foram sempre acompanhadas de momentos fantásticos, feitos pelas pessoas que comigo estiveram nessas situações de jóia, contra distinguidas da uma forte sensação de liberdade e unicidade, que sempre me marcarão no profundo. Senti-me realmente em casa, na minha ilha mediterrânica, famosa por ter uma cultura própria, diferente do resto da Itália, a Sardega. Esta assim distante mas tão parecida pelo ambiente natural, pelas tradições e sobretudo pelo amor das pessoas para os outros.



Fig.3- Fim-de-semana no Porto.



Fig.4- 28/11/07: Benfica-Milan 1-1.

Lembro-me muito bem da primeira vez que ouvi dizer uma palavra muito estranha para um estrangeiro que ainda não sabe compreender ou melhor sentir o real sentido dela, mas que no término da própria estadia em Portugal sente-se marcado da mesma. É a palavra “saudade”, esse termo usado para exprimir um conjunto de sensações devido à separação, à falta do que marcou a própria vida, à nostalgia do que já foi e se calhar não voltará; sentimentos puros e genuínos, que a sociedade moderna já esqueceu, totalmente intentam a pensar no progresso e nos valores temporários e efémeros. É o que acontece muito frequentemente em Itália, onde mesmo por isso a palavra saudade soa muito estranha, quase distante, talvez porque substituída pela mais banal “mancanza”, a simples “falta” em português.

Enfim, para fazer um sucinto resumo do que levo comigo após a minha experiência em Tomar, sem dúvidas tenho que dizer em primeiro as pessoas que conheci durante o Erasmus, quer portuguesas quer estrangeiras, ficarão sempre na minha memória, por terem de alguma forma mudado a pessoa que eu era, por me terem dado mais confiança em mim mesmo, mais abertura a frente das outras pessoas e das situações. Mesmo estas últimas vestiram o papel de protagonista durante os dez meses, as situações, que foram as mais variadas e sempre andaram a testar a força das pessoas para enfrenta-las. Posso com certeza afirmar que no meu caso, o real objectivo do projecto Erasmus foi alcançado. Sai desta experiência mudado, melhorado e pronto a enfrentar o que a vida tem para mim, quer a nível profissional, quer a nível pessoal.

Tomar, pequena mas muito variada, enquanto acolhe estudantes provenientes do país inteiro, foi uma meta muito boa para fazer o Erasmus, não somente para mim, mas também para outros estudantes erasmus que estiveram comigo. Acho que possa ser mais valiosa do que outras metas mais famosas como Coimbra e Aveiro, porque dá a possibilidade de viver activamente a “vida portuguesa” e conhecer a verdadeira alma deste país, sendo uma realidade mais pequena e concentrada. Por isso desejo que continue sempre esta participação no projecto Erasmus, para poder dar aos outros a possibilidade que eu tive de viver esta fantástica aventura que acabei de tentar contar.

(Matteo Careddu)